



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10515 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 06 - Formação de Professores

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A METAMORFOSE DA ESCOLA:**

**INTERFACES ENTRE PAULO FREIRE E ANTÓNIO NÓVOA**

Nilton Bruno Tomelin - FURB - Fundação Universidade Regional de Blumenau

Rita Buzzi Rausch - UNIVESIDADE REGIONAL DE BLUMENAU

Agência e/ou Instituição Financiadora: UNIEDU/SC

## **FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A METAMORFOSE DA ESCOLA: INTERFACES ENTRE PAULO FREIRE E ANTÓNIO NÓVOA**

Tratar do perfil do professor para a metamorfose da escola é sinalizar para a proposição de vivências inéditas e viáveis. Considerando a perspectiva freiriana de educação, o futuro há de ser essencialmente uma experiência do que ainda não foi vivido de forma radicalmente única em relação ao que já se viveu. Já para Nóvoa, o modelo de escola, e de docência, que nasce no século XIX e que insiste em vigorar, está fadado a extinção, sendo necessária uma verdadeira metamorfose.

As discussões ocorrem a partir de uma pesquisa qualitativa de natureza teórica que, nas palavras de Demo (1985, p. 23-24), implica “o domínio dos clássicos de determinada disciplina [...] o domínio da bibliografia fundamental, através da qual tomamos conhecimento da produção existente[...] a verve crítica [entusiasmada e criativa], através da qual instala-se a discussão aberta como caminho básico do crescimento científico”. As discussões em torno da metamorfose da escola e da formação de professores torna-se fundamental, na contemporaneidade, pelo fato de que se tem anunciado a possibilidade de educar crianças e jovens sem a necessidade de escolas. Estamos diante do problema fundado no dilema da morte da escola ou de sua reinvenção com um novo formato para o futuro. Defendendo esta segunda possibilidade, buscamos nesta pesquisa investigar: quais as interfaces entre os

pensamentos de Paulo Freire e António Nóvoa para a formação de professores, visando a metamorfose da escola? O objetivo será compreender as interfaces entre os pensamentos de Paulo Freire e António Nóvoa para a formação de professores visando a metamorfose da escola, por meio de uma docência inédita e viável.

Para tanto, o presente texto apresenta como aporte teórico escritos de Paulo Freire (2006, 1999, 1996, 1992 e 1982) e António Nóvoa (2022 2019, 2017 e 2009) em que seja perceptível a discussão acerca da formação de professores para a metamorfose da escola. Assim, o texto inicia numa discussão em torno da caracterização do amanhã em Paulo Freire, como uma necessária proposta inédita e viável de escola. O segundo momento do texto aponta a compreensão de Nóvoa acerca das características dos professores para a concretização do futuro já enunciado. Outro momento relevante é a discussão das similaridades entre o pensamento de Freire e Nóvoa que implica numa formação docente imprescindível ao futuro da escola e da docência.

Portanto, é preciso reconhecer que a preocupação com o futuro não é uma novidade, mas nestes últimos tempos ela torna-se sempre mais emergente, dada a experiência inédita de uma pandemia. Desta forma, para se refletir sobre a formação de professores para o futuro é fundamental compreender de que futuro se está falando. Do ponto de vista cronológico, o futuro é uma (con)sequência do hoje e este o é do ontem. Trata-se de uma compreensão permeada por uma certa imutabilidade, uma certa fatalidade, amplamente combatida por Freire, para quem o futuro é cenário de problematização e conseqüente transformação (metamorfose). Neste sentido, Freire (1992, p. 92) considera que

[...] toda vez que o futuro seja considerado como um pré-dado, ora porque seja a pura repetição mecânica do presente, só adverbialmente mudado, ora porque seja o que teria de ser, não há lugar para a utopia, portanto para o sonho, para a opção, para a decisão, para a espera na luta, somente como existe esperança. Não há lugar para a educação. Só para o adestramento... A modernidade de alguns setores das classes dominantes, em cuja posição superam de longe a postura das velhas e retrógradas lideranças dos chamados "capitães de indústria" de outrora não poderia, porém mudar a sua natureza de classe.

Nota-se que a metamorfose passa pela discussão do lugar da educação no futuro, sem o que se aprofunda o caráter adestrador e imobilizador do modelo que vem sendo mantido nas últimas décadas. Essa metamorfose será possível num cenário em que haja garantias acerca da liberdade dos sujeitos. Por isso, Freire (1999, p. 27) afirma que

o radical comprometido com a libertação dos homens, não se deixa prender em "círculos de segurança", nos quais aprisione também a realidade. Tão mais radical, quanto mais se inscreve nesta realidade para, conhecendo-a melhor, melhor poder transforma-la.

Neste sentido, e considerando a necessidade de uma docência diferente para viabilizar um futuro inédito à escola, é imprescindível uma preocupação real e efetiva com a

permanente liberdade de estabelecer críticas ao fatalismo que permeia nossa história. Desta forma, não é possível abraçar a ideia de que, mesmo reconhecendo que se vive um modelo de escola e de docência superados, não seja possível ousar em lutar pela construção de uma prática docente inédita.

Nesta perspectiva, Freire (1996, p.21) lembra que

a ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal anda solta no mundo. Com ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de histórica e cultural, passa a ser ou a virar “quase natural” (FREIRE, 1996, p. 21).

Podemos dizer, então, que o futuro da profissão docente, de caráter inédito, passa pelo compromisso irrenunciável de enfrentamento ao fatalismo que em última instância naturaliza e normatiza a existência de oprimidos e opressores. Sem este enfrentamento, a educação torna-se responsável pela perpetuação da opressão, silenciado e (con)formando sujeitos a um modelo que, mesmo ultrapassado, impede que a escola assuma o dever de protagonizar uma grande ruptura. Analisando a formação de professores, por exemplo, é nítido que ainda vivemos um tempo em que as grandes discussões são trazidas de fora, como se a cultura escolar não tivesse legitimidade suficiente para propor discussões (trans)formadoras que inspirem a necessária metamorfose da escola. Tornam-se, nas palavras de Freire (1982, p.49), os professores tão oprimidos quanto os educandos e

Submetidos aos mitos da cultura dominante, entre eles o de sua “natural inferioridade”, não percebem, quase sempre, a significação real de sua ação transformadora sobre o mundo. Dificultados em reconhecer a razão de ser dos fatos que os envolvem, é natural que muitos, entre eles, não estabeleçam a relação entre não “ter voz”, não “dizer a palavra”, e o sistema de exploração em que vivem.

A conservação do modelo opressor, exploratório e predatório de sociedade depende em muito da conservação do modelo de escola e de docência, e conseqüentemente da formação desta docência. A inviabilidade deste modelo de sociedade, só será compreendida pelos oprimidos, inclusive os professores, na medida em que estes se sentirem provocados ao inédito, não necessariamente um modelo, partindo de seus sonhos e utopias.

Desta forma, Freire (1982, p.66) reforça que

Homens e mulheres, pelo contrário, podendo romper essa aderência e ir mais além do mero estar no mundo, acrescentam à vida que têm a existência que criam. Existir é, assim, um modo de vida que é próprio ao ser capaz de transformar, de produzir, de decidir, de criar, de recriar, de comunicar-se. Enquanto o ser que simplesmente vive não é capaz de refletir sobre si mesmo e saber-se vivendo no mundo, o sujeito existente reflete sobre sua vida, no domínio mesmo da existência, e se pergunta em torno de suas relações com o mundo.

Com isso, mais do que assimilar práticas e conceitos exteriores, é fundamental que o

professor seja capaz de refletir e assimilar em sua prática e a na de seus pares, a possibilidade de construir um caminho inédito que o conduza ao futuro. Não que deva descartar o que é externo ao seu contexto, mas ao contrário o assimile o suficiente para fortalecer a metamorfose que se torna imprescindível em seu contexto.

Esta metamorfose da escola, e da docência, passam também por uma formação docente diferente da que é tradicionalmente oferecida, incluindo o seu não oferecimento, no sentido de proporcionar ambientes de formação entre pares. Assim como Paulo Freire, António Nóvoa vislumbra o futuro da escola e da profissão docente ao longo de sua obra e de seu fazer. Não se trata de uma discussão voltada à mera atualização dos profissionais docentes, inserindo novas teorias, metodologias ou instrumentos de ensino. A profundidade alcançada pelo autor permite compreender o possível e necessário impacto da formação docente, tema que lhe é muito caro, à educação e aos professores:-

Como síntese desta profundidade, Nóvoa (2022, p.06) afirma que

Num tempo de grandes mudanças, muitos alimentam visões “fantásticas” de um futuro sem escolas e sem professores. As escolas seriam substituídas por diferentes actividades e situações de aprendizagem, em casa e noutros lugares, através de momentos presenciais e virtuais. Os professores seriam substituídos por dispositivos tecnológicos, reforçados pela inteligência artificial, capazes de orientarem a aprendizagem de cada criança, de forma personalizada, graças a um conhecimento aprofundado do seu cérebro e das suas características. Seria um futuro sem futuro, pois a educação implica a existência de um trabalho em comum num espaço público, implica uma relação humana marcada pelo imprevisível, pelas vivências e pelas emoções, implica um encontro entre professores e alunos mediado pelo conhecimento e pela cultura. Perder esta presença seria diminuir o alcance e as possibilidades da educação.

Com este modo de pensar o autor aponta que estamos efetivamente diante de uma dicotomia fundamentada em duas percepções absolutamente antagônicas. Uma pautada na continuidade da formação humana voltada ao treinamento para o exercício de determinadas tarefas em que, com razão, dadas as condições tecnológicas atuais, a escola e os professores são dispensáveis. A outra, que considera a formação humana, um processo fundamentado no conhecimento e na cultura, que torna indispensável a convivência e a interação por meios de diferentes experiências e vivências, esta sim, tornando a escola e os professores imprescindíveis.

Diante deste contexto, Nóvoa (2022, p. 17) não somente desacredita a primeira opção como aponta o caminho para a segunda ao afirmar que

O modelo escolar serviu bem os propósitos e as necessidades do século XX, mas, agora, torna-se imprescindível a sua metamorfose. Ninguém sabe como será o futuro, mas devemos construir este processo, não com base em delírios futuristas, mas a partir de realidades e experiências que já existem em muitas escolas, a partir do trabalho que, hoje, já é feito por muitos professores.

Ao sugerir a passagem de um modelo já vencido para uma nova escola, o autor não

menciona adaptações ou correções de rumos, mas uma metamorfose, ou seja, uma transformação na forma. Analogamente, se a escola do futuro for uma borboleta, é preciso romper e abandonar o casulo (passado) e estabelecer uma nova forma de ser e existir. Essa nova forma de ser e existir exige uma nova docência que não se dará pela via do acaso, mas por meio de uma formação autenticamente disposta a romper e ser rompida no seu formato convencional. Por isso, Nóvoa (2009, p.05) considera que “a formação de professores/as ganharia muito se se organizasse, preferentemente, em torno de situações concretas, de insucesso escolar, de problemas escolares ou de programas de acção educativa”. Percebemos, neste sentido, que a formação, no espírito metamórfico, incide diretamente sobre o que limita ou dificulta à escola cumprir seu papel, sendo pensada a partir dela, e não a partir de seu exterior.

Além disso, é fundamental destacar que Nóvoa não ignora o caráter histórico da educação e, por conseguinte, do fazer docente. Considerando a analogia da metamorfose que gera uma borboleta, não se pode ignorar que para que ocorra é preciso antes que haja uma lagarta. Nóvoa (2022, p. 47) destaca que “a educação funda-se sempre em dois gestos: adquirir uma herança e projetar um futuro”. Desta forma, a experiência de educação, e da formação docente, do passado há que servir de inspiração para a necessária transformação e também o que se pretende para o futuro.

Nesta perspectiva, Nóvoa (2017, p.24) afirma que

Vivemos tempos de grande incerteza e de profunda mudança na educação. Os sinais do futuro estão claros e só não vê quem não quer ver. A escola, tal como se organizou desde meados do século XIX, tem os dias contados. Por todo o lado, surgem iniciativas e experiências que abrem novas possibilidades educativas. Uma das tendências mais fortes é a abertura da escola ao espaço público da educação. A configuração deste espaço implica uma participação mais ampla da sociedade nas questões educativas (famílias, associações, movimentos sociais, eleitos locais, etc.).

A dimensão pública da educação certamente é fundamental para que o fazer docente seja pensado e articulado segundo o que garanta ao coletivo, o direito de acessar uma formação que efetivamente o transforme. Mais do que um trabalho que garanta a sobrevivência material do docente, trata-se de um serviço prestado à sociedade, especialmente no que diz respeito ao seu futuro. Portanto, ao discutir o futuro precisamos reconhecer a responsabilidade (presente) da educação e da formação deste docente, que é exclusivamente dedicada ao futuro.

A formação docente passa então a não mais sujeitar-se unicamente a ideias e concepções externas, que com suas intenções tendem a vincular o futuro ao passado, sem dar-lhe um sentido próprio e inédito. Partindo da experiência dos docentes, mesmo considerando elementos externos (teorias, metodologias etc), assumimos o futuro como uma criação autêntica a partir da própria experiência vivida. Neste sentido, Nóvoa (2022, p. 38) disserta que “elaborar o sentido de nossa experiência é se colocar na tensão freiriana entre a denúncia

de um presente cada vez mais intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado por nós, mulheres e homens”. Portanto, não basta assumir o descontentamento em relação ao presente que não inspira um futuro inédito, mas assumir o compromisso e a responsabilidade por edificar este último, por vezes ainda considerado utópico.

Sobre isso, Freire (1992, p. 91) considera que

a utopia implica essa denúncia e esse anúncio, mas não deixa esgotar-se a tensão entre ambos quando da produção do futuro antes anunciado e agora um novo presente. A nova experiência de sonho se instaura, na medida mesma em que a história não se imobiliza, não morre. Pelo contrário, continua.

E nesta história viva, dinâmica, está também a educação e a construção do futuro, que desafiam e tencionam a não repetir o passado e propor inéditos. É preciso enfatizar que estes inéditos não negam o conhecido, pois se assim o fosse, cairíamos fatalmente na concepção de que a escola é morta e que os professores podem ser dispensados. Ao contrário, especialmente nestes tempos pandêmicos, Nóvoa (2022, p. 26) enfatiza que “mais do que nunca ficou claro que os professores são essenciais para o presente e o futuro da educação”. Desta forma, o que devemos discutir não é a viabilidade de se formar professores, mas que formação deve acontecer para que a imprescindibilidade de professores seja efetiva.

Segundo Freire (1996), não se trata de qualquer formação, mas a que contemple rigor, investigação, respeito a autonomia à identidade cultural dos educandos, que apela à consciência do inacabamento e por isso convicta da necessidade da mudança constante. Essa mudança, tem sido ainda mais precipitada em razão da pandemia, mas não somente por ela.

Neste sentido, Nóvoa (2022, p. 51) considera que

Nos próximos tempos vai decidir-se grande parte do futuro da educação. Não podemos ficar indiferentes e permitir, com a nossa ausência ou alheamento, que se imponham, como se fossem “naturais” e “inevitáveis”, visões mercantilistas e consumistas da educação. Não é só o futuro da escola que está em causa, é mesmo o futuro da nossa humanidade comum. Nunca, como hoje, foi tão urgente uma educação que contribua para a democratização das sociedades, para a diminuição das desigualdades no acesso ao conhecimento e à cultura, para a construção de formas participadas de deliberação...

Portanto, a educação do futuro exige professores que a consolidem como um espaço cultural, fundamentalmente humano e devotada ao pensar crítico e reflexivo. Mais do que treinar e capacitar pessoas, a função do professor é participar ativamente no processo de transformação da sociedade. Mais do que o exercício de um ofício, a profissão docente assume um compromisso com o futuro, com as próximas gerações.

Analisando os pensamentos de Paulo Freire e António Nóvoa, percebemos muitas semelhanças que contribuem para a definição de uma formação outra aos professores do futuro, considerando o necessário processo de metamorfose da escola, as quais destacamos a

seguir:

- a imprescindibilidade da escola como espaço de convivências múltiplas, o que determina à sua consolidação como instituição, em constante transformação, transcendendo a modelos;
- a necessidade de transformação da docência, da escola e da própria sociedade como consequência do processo histórico que mobiliza a história;
- o enfrentamento ao fatalismo relacionado à ideia de que o futuro é mera consequência do passado, não havendo o que fazer senão seguir o fluxo natural dos fatos, incluindo a concepção de morte da escola e da própria docência;
- o imprescindível ineditismo para negar este fatalismo propondo uma escola transformada e única para um tempo cronologicamente inédito e próprio às novas e permanentes transformações;
- a formação entre pares partindo do contexto vivido, priorizando demandas emergentes do interior da própria escola, sem desconhecer elementos externos que poderão fortalecer o compromisso transformador da escola em relação à sociedade;
- a rigorosidade fundamentada no conhecimento e na cultura, assumindo um caráter reflexivo, crítico e mobilizador.

Podemos dizer que ambos consideram fundamental uma transformação da escola e, por conseguinte, da docência. Tanto Freire quanto Nóvoa não apenas reconhecem, como também exaltam o protagonismo dos professores e do perigo que representam as concepções que confundem educação com treinamento. A presença dos professores no cotidiano dos educandos se torna imprescindível justamente para que se lhes ofereça educação, concebida como espaço reflexivo e crítico da própria realidade.

**Palavras-chave:** Formação de professores. Metamorfose da escola. Transformação. Paulo Freire. António Nóvoa.

## REFERÊNCIAS

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1985.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. 8ª ed. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 26ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15ª edição. São Paulo, SP: Paz e Terra. 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 6ª edição. São Paulo: Paz e Terra. 1982.

NÓVOA, António. **Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar**. Colaboração Yara Alvim. Salvador: SEC/IAT, 2022.

NÓVOA, António. Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. **Educação & Realidade**, v. 44, 2019.

NÓVOA, António. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de pesquisa**, v. 47, p. 1106-1133, 2017.

NÓVOA, António. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. **Revista Educacion**. Madrid: 2009. Disponível em: <  
[http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350\\_09por.pdf](http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350_09por.pdf)> Acesso: 13.abr. 2022.